

Produções pictóricas pós-sessão: gestão criativa do só-depois das sessões ou microtraumatismos no analista?¹

O exemplo das produções pictóricas em Maria Torok

Souad Ben-Hamed,² Besançon, França

Resumo: Nunca se para de falar sobre os estados do analista durante a sessão. Fala-se menos dos estados do analista pós-sessão. Alguns se dedicam à poesia. Outros à escrita. Outros ainda desenham ou pintam. A autora tratará destes no artigo, focalizando seu interesse mais especificamente em torno de Maria Torok, que conta com 300 desenhos e pinturas realizados pós-sessão. Tentará sugerir algumas ideias para a compreensão de certos estados do psicanalista pós-sessão. Para tal, o registro do alucinatório virá em seu auxílio.

Palavras-chave: o alucinatório, reverie, regrediência, progrediência, contratransferência

Não nos faltam escritos sobre os estados do psicanalista em sessão. Sobre o analista fora da sessão, a bibliografia se apresenta mais discreta. No entanto, em 1990, a *Revue Française de Psychanalyse* dedicou um número inteiro a essa questão. Nesse número, num artigo intitulado “En psychanalyse et sans séances”, P.-C. Racamier descreve “tudo o que se pode descobrir e o que se pode concluir, como psicanalista (e permanecendo psicanalista), fora do divã e mesmo fora da sessão”; deve-se acompanhar de perto e fora da sessão “a extensão extraindividual do ‘território de implantação’ da vida psíquica que caracteriza as patologias psicóticas e afins” (1990, p. 1165). O autor assinala

1 Texto publicado originalmente com o título “Les productions picturales: gestion créative ou microtraumatismes chez l’analyste? L’exemple de Maria Torok”, em: *Le Coq-Héron*, 254(3), 110-118, 2023.

2 Doutora em psicopatologia clínica. Psicanalista. Psicodramatista. Académie Psychanalytique Autour de l’Œuvre de Racamier (Apaor). Société Française de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe (SFPPG). Association Européenne Nicolas Abraham et Maria Torok (Aenamt). Association Internationale de Psychanalyse de Couple et de Famille (AIPCF).

que foi isso que lhe permitiu perceber e desenvolver processos tão estranhos como os do antédipo (Racamier, 1989) e da paradoxalidade (Racamier, 1980).

Alain Fine (1990), por sua vez, mostra como a autoanálise do analista ocorre na maioria das vezes fora da sessão do psicanalista. Trata-se de um fenômeno complexo, explica ele, porque não se compõe apenas do olhar sobre si mesmo, mas também do olhar sobre alguma coisa que surge repentinamente no pensamento, uma criação espontânea, uma iluminação repentina. O autor considera a autoanálise um parâmetro privilegiado do funcionamento do analista “fora da sessão”.

Essas coisas que surgem no pensamento do psicanalista, essas criações espontâneas, essas iluminações repentinas, esses momentos sem objetivo preciso, que acontecem fora da sessão, são de particular interesse para nós aqui. Eles podem ser momentos de escrita, de desenho, de pintura... Mas vamos limitar-nos nesta oportunidade ao exemplo do desenho e da pintura.

Maria Torok, por exemplo, realizou 300 obras pictóricas, todas permanecendo na sombra até os últimos anos de sua vida. Ela trabalhava como psicóloga de crianças de 3 a 5 anos em 1956, quando começou a desenhar. Essa atividade iria acompanhá-la ao longo da vida, com períodos de produção mais intensos que outros.

Foi apenas em 1996, incentivada por Nicholas Rand (2000), que ela aceitou a ideia de organizar uma exposição das suas obras pictóricas. Ela sofria de uma leucemia, que a levou à morte em 25 de março de 1998, em Nova York, onde ela morava havia dois anos. A exposição não ocorrerá. “O agravamento de sua doença em 1997 pôs fim a todos os projetos” (p. 49). Ainda assim, após sua morte, foram realizados muitos vitrais e projetos de tapeçaria baseados em alguns de seus desenhos.

Quanto aos elementos biográficos de Maria Torok, até 2021, a principal referência era a de Nicholas Rand, biógrafo de Nicolas Abraham e Maria Torok, em particular com seu artigo “Notice biographique: Nicolas Abraham, Maria Torok”, publicado na revista *Le Coq-Héron*³ e republicado em seu livro *Quelle psychanalyse pour demain? Voies ouvertes par Nicolas Abraham et Maria Torok* (2001). Existem também algumas passagens com elementos históricos e biográficos de Nicolas Abraham e Maria Torok nos escritos de Elisabeth Roudinesco (1994).

Em outubro de 2021 apareceu uma obra que nos dá pela primeira vez elementos biográficos muito completos sobre Maria Torok e Nicolas Abraham. Trata-se de *L'affaire Abraham et Torok: légende, vie et secrets*, de Syrine Slim.

3 Trata-se do n. 159, publicado em 2000 sob o título: *Des voies nouvelles pour la psychanalyse? Nicolas Abraham et Maria Torok* [Novos caminhos para a psicanálise? Nicolas Abraham e Maria Torok].

A autora apresenta uma nova biografia de Nicolas Abraham e Maria Torok, aponta os erros biográficos que circulam em determinados artigos e propõe que se compreenda a teorização deles como “uma escrita autobiográfica em segredo” (Slim, 2018). Notemos que esse livro pode parecer para alguns como muito centrado em uma dinâmica investigativa. Para Paul Denis (2021), que escreveu o prefácio, o livro permitiu que o “caso Abraham-Torok” entrasse na história da psicanálise na França. Denis lhe encontra outro mérito quando acrescenta:

Este livro nos lança no âmago do funcionamento de uma sociedade de psicanálise, de suas contradições, de seus males e de seus conflitos internos. Oposições também ligadas às amizades, inimizades e paixões de seus membros, muitas vezes intrincadas a opções teóricas e clínicas, e até mesmo a formas de crenças psicanalíticas. (p. 2)

O autor certamente faz alusão ao alcance institucional do “caso Abraham-Torok”: brigas ocorreram por ocasião da recusa da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) em aceitar Nicolas Abraham como membro aderente, após ele ter feito sua formação com eles; quanto a Maria Torok, ela foi aceita e até recebeu o Prêmio Maurice Bouvet de psicanálise em 1969.⁴ Esses empecilhos levaram o Instituto de Psicanálise da SPP a modificar a própria organização do curso de formação e a excluir qualquer intervenção do analista do candidato.

Ao mesmo tempo profunda e perturbadora, talvez mais para alguns do que para outros, a obra de Syrine Slim contém elementos importantes da história da psicanálise, e outros que são fruto de sua investigação de pesquisadora rigorosa. Decerto, pode-se questionar o interesse em desvendar alguns aspectos da vida desses dois psicanalistas. Estudar os vieses pessoais que teriam interferido nas suas formulações teóricas poderia se apresentar como um de seus objetivos, mas Slim não nos parece parar por aí. Tomada por uma postura de investigadora no sentido mais estrito, movida por uma avidez de conhecer, de descobrir, de dar a conhecer e de questionar, ela acolheu as descobertas do campo com mente aberta e sem rejeição, e as entregou a nós sem seleção em função dos leitores esperados.

Ao considerar o peso do lado pessoal na obra de Maria Torok, que tão bem descrevia a doença do luto, a cripta, o fantasma..., Slim questiona o que impediu Torok de ver o quanto sua própria teorização é reveladora de sua vida, ela que não hesitou em aplicar esse pensamento a Freud e Ferenczi.

4 Prêmio atribuído por um júri composto por membros da SPP, mas de forma independente desta.

Com efeito, para defender sua convicção de que o lado pessoal se transfere do psicanalista para a teoria que ele enuncia, Torok escreveu numa carta a René Major (no verso da capa do livro *Katasztrofák*, de Ferenczi):

Que vestígios essas teorias trazem da história pessoal do analista-teórico e de que forma elas carregam seus traumas pessoais e analíticos? Perguntar-nos-emos: a quem se dirige esta ou aquela noção? Ao paciente? A um ancestral pessoal ou analítico do autor? O conceito elaborado vem negar um sofrimento ao aliená-lo de seu lugar de enraizamento? Ou será que ele vem promover introyecciones ao reconhecer a dor e a necessidade de sua ratificação? (2001, p. 83)

Sobre Freud, ela escreve, em colaboração com Nicholas Rand, após a morte de Nicolas Abraham: “A psicanálise freudiana nasceu dos traumas de seu inventor”. E isso depois de ter levantado a hipótese de que “uma catástrofe familiar [um tio falsário], ocorrida em 1865, quando Freud tinha 9 anos, está na base de sua teorização psicanalítica” (citados por Slim, 2021, p. 12). Slim comenta:

A intuição de Maria Torok sobre Freud pode ser estendida a suas teorizações, e a teoria freudiana se tornou para ela a outra cena na qual pôde ter continuidade o que permanecia encriptado nela e em Abraham. A biografia deles deveria então ser levada em conta para abordar suas propostas teóricas, que se centram em grande parte no segredo, nos fantasmas e nos retornados, e no que eles chamam de cripta (p. 12)

Os grafismos de Maria Torok

Os grafismos de Maria Torok foram publicados pela primeira vez em novembro de 1999, graças a Judith e Jacques Dupont, num número especial de *Le Coq-Héron*.

Que lugar ocupa essa atividade que se passa com Maria Torok fora da sessão? Mais precisamente, entre as sessões, como nos faz entender Nicholas Rand: “Enquanto espera pelo próximo paciente, Maria desenha com velocidade” (2000, p. 49).

Na exploração das circunstâncias e motivações conscientes e inconscientes que teriam levado Torok a pintar, Rand apresenta elementos que nos fazem pensar no trabalho do alucinatório e nos movimentos de progrediência e regrediência. Diz o autor:

Cada imagem é o resultado de uma visão que surge de improviso, uma fantasia de tipo onírico que se impõe de forma descontínua ao pensamento consciente do

momento. Esses vestígios são estados afetivos, instantâneos de vivências que todos nós conhecemos, que numa ínfima fração de tempo nos inundam com uma infinidade de sentimentos, pessoas, imagens ou perfumes. O movimento, o continente e os conteúdos são aí essenciais e imbricados. (p. 49)

Rand então descreve um estado de regrediência sem nomeá-lo assim, um estado favorecido pela “escuta introjetiva” e que clama pelo seu desenvolvimento no analista. Esse último é levado a “entrar em transe” com o paciente, a “adormecer com ele”, acrescenta, referindo-se a Maria Torok, que escreve: “Há um transe. Então os dois [paciente e analista] devem às vezes adormecer juntos, sonhar por um instante a mesma palavra, a mesma imagem, ter uma verdadeira sessão” (citada por Rand, 2000, p. 48).

Para Rand, esses estados vivenciados durante determinadas sessões são uma das fontes de inspiração para as produções pictóricas de Maria Torok, sessões onde “paciente e analista se confundem por um instante para evocar, através da confiança advinda de duas afetividades parceiras, o mais profundo do ser sofredor”, mas também “o ardor da parceria afetiva que sustenta o trabalho de decifração e que alivia os momentos difíceis de ambas as partes”, em que Maria Torok “via o que é próprio do analista e seu guia, seu fio condutor mais seguro” (pp. 48-49).

Certos desenhos aparecem como “emanações diretas de sessões particulares. Eles irrompem nos ‘vazios’ e nos ‘intermediários’”. Durante esses estados, Rand imagina Torok tomada por uma espécie de possessão:

Quando Maria desenha, ela não pensa; ela está como que possuída pelo movimento das cores que preenchem o espaço agora sem linhas de demarcação. ... Esses desenhos⁵ – mulher alegre com o coração sangrando; mulher tranquila, com traços de mármore, gritando pelas costas; mulher descontraída na calçada, observada de longe e empurrando, como um fardo íntimo, uma cabeça com três olhos intercalados por uma construção assimétrica – são estados afetivos, os instantâneos desses vividos que todos nós conhecemos, onde, num décimo de segundo, somos inundados por uma infinidade de sentimentos, desfila diante de nossos olhos um mundo de lembranças, de pessoas, de perfumes. (p. 49)

Outras vezes, Rand oferece explicações que nos parecem ir no sentido do trabalho de progrediência no analista: “Vários desenhos” – principalmente os coloridos, com destaque para os dos anos 1970 e 1980 – “são uma reflexão pictórica sobre a sessão” (pp. 48-49).

5 Como Nicholas Rand não diz em quais desenhos ele vê o que assinala, resta-nos adivinhar. O link a seguir dá acesso a 14 desenhos de Maria Torok publicados em *Le Coq-Héron*: <https://www.lecoqheron.fr/porte-folio-de-maria-torok>

Ele também aponta a amplitude das vivências contratransferenciais, que Maria Torok prefere não chamar de contratransferência, mas de “modos de impregnação e imbricação afetivas, traumáticas, intelectuais, fantasiosas de dois seres que carregam uma multiplicidade de outros, trocando entre si, neste lugar fechado da sessão, olhares, choros, alegrias, sofrimentos, esperança e desespero” (p. 48).

Rand percorre ainda outra via para buscar o que, para ele, deu origem a essas produções pictóricas de uma psicanalista que não era pintora, mas para quem essa forma de expressão ocupou um lugar importante. Ele comenta que a intensidade das produções pictóricas de Maria Torok correspondia a momentos em que ela era atingida por acontecimentos traumáticos.

Então, restos pessoais ou profissionais não digeridos? Momentos criativos ou microtraumáticos?

Esclarecer o emaranhado das identidades no âmago do que se chama juridicamente “uma pessoa” terá sido o centro do trabalho analítico singular de Maria Torok. Segredos de família legados como herança insuspeitada, sepultamentos psíquicos clandestinos de vivências inconfessáveis, instalação ou incorporação de um estrangeiro dentro de si, criptas de amores secretos, eis alguns dos conceitos fundamentais que ela introduziu com Nicolas Abraham no arsenal psicoterapêutico e que terá, para si própria, traduzido em imagens. (p. 48)

Maria Torok viveu traumatismos pessoais de uma gravidade extrema, nos quais não faltam segredos de família, vivências inconfessáveis e criptas de amores secretos.

Nascida em 10 de novembro de 1925 em Budapeste, Hungria, e falecida em 25 de março de 1998, em Nova York, EUA, ela veio da grande burguesia húngara judaica. Estudante do ensino médio, embora considerada para o concurso geral de letras clássicas, seu nome foi retirado das listas por “motivos religiosos”. Ela viveu a ocupação nazista em Budapeste em condições de perigo permanente de morte. Em 1º de janeiro de 1947, ela se mudou para Paris, data em que Pierre, seu irmão, morando na França, conseguiu que ela e a mãe fossem aceitas como refugiadas.

A mãe se suicidou em Paris no início dos anos 1950. Essa tragédia se repetiria com um dos dois filhos de Nicholas Abraham, André, de quem ela cuidou como madrastra, mas também como segunda mãe, ocupando o lugar deixado vago pela ex-mulher de Abraham, internada até o fim da vida num hospital psiquiátrico. Ela sofria de uma patologia que evoluiu para uma forma paranoide de esquizofrenia.

Com a perda do companheiro, em 18 de dezembro de 1975, ela passa a lutar para que se reconheça que a morte dele se deveu à má recepção dada pelos psicanalistas da SPP às suas teorizações originais.

Além disso, quando olhamos para os elementos biográficos de Maria Torok, encontramos dados a favor de uma problemática incestual massiva, da qual não me parece útil descrever todos os aspectos num artigo. Citarei apenas um elemento: em 1990, ela se casou com Nicholas Rand, sobrinho de seu companheiro, que a considerava como tia. Com efeito, durante 25 anos ela foi companheira de seu tio e madrasta de seus primos André e Jean-Pierre, os quais considerava como filhos adotivos. O casamento ocorreu no maior sigilo, e o círculo de amigos parisienses só soube da união mais tarde (Slim, 2021).

Nicholas Rand era o filho único de Edith, irmã de Abraham, nascida em 1925, como Maria Torok, e falecida em 1994. Abraham já era pai de dois meninos de 11 e 9 anos, nascidos em 1942 e em 1944, quando Edith deu à luz, em agosto de 1953, a um filho, Nicholas.

Seja como for, podemos identificar ainda mais a importância que teve para Torok o estudo dos efeitos dos traumas da psique.

O alucinatório, indispensável à prática analítica

Os avanços sobre a questão do alucinatório multiplicaram o interesse dos psicanalistas pelo que se passa entre analista e analisando na sessão. Para defender a novidade de sua contribuição e conquistar o lugar de primazia, Sara e César Botella (2002) fazem um levantamento das teorizações existentes antes deles em torno da questão:

1) Em Freud, a ideia do alucinatório está presente ao longo de toda a sua obra, mas, por um lado, sua utilização se limitará à formulação adjetiva, quando ele fala de satisfação alucinatória do desejo; por outro lado, a ideia de que o alucinatório é um pressuposto básico que rege a vida psíquica, embora presente em sua obra, nunca será desenvolvida.

2) Sándor Ferenczi, em “Desenvolvimento do sentido de realidade e suas etapas” (1913/2006), descreve um estágio alucinatório, mas não se aprofunda nele. Se tivesse se aprofundado, poderíamos acrescentar, isso não teria sido suficiente, na medida em que um estágio não é um processo.

3) Wilfred Bion desenvolve a noção de alucinação, que permanece próxima da noção de alucinação patológica.

4) Jacques Lacan (1959-1960/1986) evoca a ideia de uma alucinação fundamental, mas não a leva adiante.

Sara e César Botella (2002) desenvolvem a concepção do alucinatório em forma de substantivo e sobretudo a libertam de qualquer conotação

psiquiátrica. Em 1990, introduzem o alucinatório como noção metapsicológica. Essa noção assim retomada ajudaria a ampliar “uma teoria analítica demasiadamente centrada na noção de representação e que seria, por isso mesmo, insuficiente para explicar certas estruturas e certos tratamentos analíticos fadados ao fracasso” (pp. 758-759). Para isso, eles se baseiam na obra de André Green (1973) e no seu conceito de alucinação negativa, uma representação da ausência de representação, que é o reverso do qual a realização alucinatória é o anverso e que constitui o fundamento do psíquico.

Entre 1990 e 1992, eles definem o alucinatório da seguinte forma: “Trata-se de um processo inseparável da via regrediente que floresce no sonho, mas que deve ser inibido durante o dia em favor da representação e da percepção. ... Essa noção é indispensável para a prática analítica” (2002, pp. 758-759).

○ alucinatório na sessão

Sara e César Botella afirmam que,

na sessão, em certos momentos inesperados, sob os efeitos de uma regressão formal do pensamento, pode ocorrer com o analista, contra sua vontade, um “acidente” de pensamento, um “trabalho de figurabilidade” quase alucinatório; seria o único meio de aceder a um sentido do irrepresentável do paciente. (2002, pp. 758-759)

Por sua vez, De M’Uzan (2005), evocando os estados do psicanalista na sessão, descreve momentos que podem se acompanhar da aparição de “representações pictóricas” que dão lugar a uma emergência surpreendente de imagens sem ligação aparente com o que se está dizendo (Tabone-Weil, 2016).

Essas representações estranhas que surgem inesperadamente na mente do analista, de acordo com De M’Uzan, acontecem em certas sessões e “se desenvolvem num contexto de ligeira despersonalização e em paralelo a um movimento regressivo”, como se viessem à cabeça do psicanalista em resposta “a processos psíquicos que pertencem ao analisando” e que “se passam no interior do analista, antecipando a possível compreensão intelectual do material clínico exposto” (2005, p. 77).

Mas poderíamos descrever esses momentos como pertencentes apenas ao irrepresentável do paciente?

O tecido do “encontro psicanalítico”, como De M’Uzan propõe chamá-lo, é fundamentalmente intersubjetivo e, por isso, não podemos explicar o que se passa nesse espaço compartilhado como pertencendo exclusivamente a um ou a outro dos dois protagonistas, nem mesmo como pertencendo a um e a outro somente, já que a transferência e a contratransferência não acontecem

uma sem a outra. Mais do que isso. Os dois não existem “sem o todo que os contém” (Ben-Hamed, 2018), ficaríamos tentados a escrever parafraseando René Kaës, que descreve o grupo e o sujeito do grupo assim: “Não um sem o outro, sem as alianças que sustentam seu vínculo, sem o todo que os contém e que eles constroem, que os une mutuamente e que os identifica um com relação ao outro” (2010, p. 22).

Ferro (2009) tem estudado amplamente esses fenômenos de afloramento no aparelho psíquico do analista de imagens ligadas ao que se passa na relação analítica, resultado da atividade de reverie na sessão, que ele descreve como um fato central e essencial para o desenvolvimento da análise.

O alucinatório fora da sessão, no pós-sessão imediato ou tardio

Esses momentos de trabalho de figurabilidade quase alucinatório (Botella & Botella, 2002), essas representações pictóricas, essa “entidade monstruosa nascida da relação entre os inconscientes dos dois protagonistas” que é a quimera (De M’Uzan, 1994) intervêm apenas nas sessões?

Não poderia o analista permanecer às vezes habitado por fantasmas que surgem dentro dele durante a sessão? Elementos beta carentes de figurabilidade e à espera de transformação?

“Fatos não digeridos” (Ferro, 2009) podem se impor a ele.

Atribuir a esses fenômenos de reaparecimento inesperado de elementos perturbadores ou mesmo fantasmagóricos na psique do psicanalista o valor de compreensão do que se passa no paciente, como o faz De M’Uzan nas proposições anteriores, é de grande importância, mas corre o risco de parecer restritivo. De M’Uzan, no entanto, não para por aí. Ele descreve diversas situações de risco que o analista pode atravessar: despersonalização, perda de limites ao longo do encontro analítico...

Ouçamo-lo responder, por ocasião de uma entrevista conduzida por Marianne Persine (2002):

O analista não está, na sua escuta, abrigado atrás das fronteiras de seu eu. Para se identificar com seu paciente, sentir empatia, deixar operar as identificações ao ponto da vacilação ou mesmo da despersonalização passageira, o analista se encontra às voltas com seu próprio inconsciente e deve, como o paciente, se aventurar na fronteira de seu pré-consciente, único lugar onde mudanças podem se dar.

Isso supõe que o analista tenha se ajustado a seu paciente e que esteja numa forma de escuta que Guy Lavallée (2017) chama de “introjetiva”.

Mas isso, alerta-nos ele, aumenta o quantum alucinatório da situação analítica, pois se trata de uma escuta em que a carga alucinatória é importante.

Para Guy Lavallée,⁶ os estados pós-sessão, principalmente de certas sessões, são estados de microtraumatismos nos quais elementos que entraram à força no psiquismo do psicanalista durante a sessão retornam fora da sessão.

Fenômenos alucinatórios de grande intensidade podem, às vezes, desorganizar o eu do psicanalista e tentar forçar uma representação. Como que levado por um risco de colapso e uma necessidade de se descolar do paciente, o psicanalista pode precisar de uma atividade que, em certos casos, assuma a forma de uma descarga motora assegurada pelo corpo,⁷ uma descarga cerebral (escrever) ou criativa (desenhar, pintar, fazer cerâmica...).

Considerações finais

Encerrarei com a concepção de Michel de M'Uzan sobre a clínica do encontro analítico, que se concentra principalmente no que se passa do lado do analista (Persine, 2002). Tal concepção pode ser de grande utilidade para nós aqui. Encontramos nela uma implicação recíproca e múltiplas articulações analista-analisando, qualquer que seja a situação. Os dois estão imersos em “um caldeirão infernal” (o enquadre), onde, sob uma aparência de calma e neutralidade benfazeja, se afrontam violentamente os desejos inconscientes/pré-conscientes dos protagonistas – onde, além da escuta direta secundarizada, um outro funcionamento pode dar lugar a “momentos fecundos”, revelando a proximidade dos pré-conscientes. O analista pode se arriscar graças à sua capacidade de regredir ou de viver experiências de despersonalização, sem pôr em risco seu self.

Isso diz respeito apenas a analistas que tenham sofrido grandes traumatismos ou não? De M'Uzan afirma que, quando não vivemos tais perturbações, é porque nós as evitamos e permanecemos num modo de escuta algo distante e não suficientemente ajustado.

Producciones pictóricas post-sesiones: ¿gestión creativa de la posteridad o microtraumas en el analista? El ejemplo de las producciones pictóricas en Maria Torok

Resumen: No se deja de hablar de los estados del analista durante la sesión. Se habla menos de los estados del analista posteriores a la sesión. Algunos se dedican a la poesía. Otros a escribir. Otros todavía dibujan o pintan. La autora hablará de ellos

6 Sessão de 7 de fevereiro de 2023, Groupe de Réflexion et de Recherche Théorique-Clinique, dirigido por Guy Lavallée.

7 Françoise Dolto se punha a correr em volta do quarteirão da sua casa.

en este artículo, centrando su interés más específicamente en Maria Torok, quien cuenta con 300 dibujos y pinturas posteriores a la sesión. Intentará sugerir algunas ideas para comprender ciertos estados del psicoanalista post-sesión. Para ello, el registro alucinatorio vendrá en su ayuda.

Palabras clave: lo alucinatorio, reverie, regredencia, progredencia, contratransferencia

Post-session pictorial productions: creative management of the deferred action or microtraumas in the analyst? The example of pictorial productions in Maria Torok

Abstract: We never stop talking about the analyst's states during the session. There is less talk about the analyst's post-session states. Some dedicate themselves to poetry. Others to writing. Others still draw or paint. The author will talk about the late ones in this article, focusing her interest more specifically around Maria Torok, who produced 300 post-session drawings and paintings. She will try to suggest some ideas for understanding certain states of the psychoanalyst post-session. To this end, the hallucinatory record will come to her aid.

Keywords: the hallucinatory, reverie, regredience, progredience, countertransference

Les productions picturales en post-séance : gestion créative de l'après-coup des séances ou microtraumatismes chez l'analyste ? L'exemple des productions picturales chez Maria Torok

Résumé : Des états de l'analyste en séance, nous ne cessons d'en parler. Des états de l'analyste post-séance, il en est moins question. Certains s'adonnent à la poésie. D'autres à l'écriture. D'autres encore, dessinent ou peignent. L'autrice parlera de ceux-ci dans cet article, en s'intéressant plus particulièrement à Maria Torok, qui a produit 300 dessins et peintures réalisés en post-séance. Elle tentera de proposer quelques pistes de compréhension de certains états du psychanalyste en post-séance. Pour cela, le registre de l'hallucinoire lui sera utile.

Mots-clés : l'hallucinoire, rêverie, régrédience, progrédience, contre-transfert

Referências

- Ben-Hamed, S. (2018). Analyste-analysant roussis au feu de l'amour: transfert et contre-transfert: "pas l'un sans l'autre et sans l'ensemble qui les contient". *Imaginaire et Inconscient*, 41(1), 91-119.
- Botella, C. & Botella, S. (2002). (L')hallucinoire. In A. Mijolla (Org.), *Dictionnaire international de la psychanalyse* (pp. 758-759). Calmann-Lévy.
- De M'Uzan, M. (1994). *La bouche de l'inconscient*. Gallimard.

- De M'Uzan, M. (2005). *Aux confins de l'identité*. Gallimard.
- Denis, P. (2021). Préface. In S. Slim, *L'affaire Abraham et Torok: légende, vie et secrets* (pp. 1-6). PUF.
- Ferenczi, S. (2006). Le développement du sens de réalité et ses stades. In S. Ferenczi, *L'enfant dans l'adulte* (J. Dupont, Trad., pp. 41-69). (Trabalho original publicado em 1913)
- Ferro, A. (2009). Transformation en rêve et personnages dans le champ psychanalytique. *Revue Française de Psychanalyse*, 73(3), 817-842.
- Fine, A. (1990). L'auto-analyse de l'analyste: quelques interrogations et réflexion. *Revue Française de Psychanalyse*, 54(5), 1221-1236.
- Green, A. (1973). *Le discours vivant: la conception psychanalytique de l'affect*. PUF.
- Kaës, R. (2010). Le sujet, le lien et le groupe: groupalité psychique et alliances inconscientes. *Cahiers de Psychologie Clinique*, 34(1), 13-40.
- Lacan, J. (1986). *Le séminaire, livre 7: l'éthique de la psychanalyse*. Seuil. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lavallée, G. (2017). Altérité et subjectivation. *Revue Française de Psychanalyse*, 81(5), 1489-1495.
- Persine, M. (2002). *Michel de M'Uzan: une clinique de la rencontre analytique*. SPP. <https://tinyurl.com/bdzzcv7z>
- Racamier P.-C. (1980). De l'objet-non-objet. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 21, 235-242.
- Racamier, P.-C. (1989). *Antœdipe et ses destins*. Apsygée.
- Racamier, P.-C. (1990). En psychanalyse et sans séances. *Revue Française de Psychanalyse*, 54(5), 1183-1195.
- Rand, N. (2000). Lignes et couleurs: introduction à l'œuvre graphique de Maria Torok. *Le Coq-Héron*, 159, 48-50.
- Rand, N. (2001). *Quelle psychanalyse pour demain? Voies ouvertes par Nicolas Abraham et Maria Torok*. Érès.
- Roudinesco, E. (1994). *Histoire de la psychanalyse en France* (Vol. 2). Fayard.
- Slim, S. (2018). *Secret pathogène, secret de famille, crypte et fantôme: de Moriz (Moritz) Benedikt à Nicolas Abraham et Maria Torok: nouvelles considérations historiques, et épistémologiques* [Tese de doutorado]. Universidade de Paris 7.
- Slim, S. (2021). *L'affaire Abraham et Torok: légende, vie et secrets*. PUF.
- Tabone-Weil, D. (2016). La chimère. In L. Danon-Boileau & J.-Y. Tanet (Orgs.), *Des psychanalystes en séance: glossaire clinique de psychanalyse contemporaine* (pp. 143-147). Gallimard.
- Torok, M. (2001). Catastrophes [Katasztrofák]: lettre ouverte sur la correspondance avec Ferenczi. In J.-C. Rouchy (Org.), *La psychanalyse avec Nicholas Abraham et Maria Torok* (pp. 81-83). Érès.

Tradução do francês: Maria do Carmo Cintra de Almeida-Prado

Recebido em 1/11/2024, aceito em 27/2/2025

Souad Ben-Hamed

souad.ben-hamed@formapsy.org

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n1.18